

O PORTUGUÊS BRASILEIRO
COMO UM SISTEMA COMPLEXO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

ATALIBA T. DE CASTILHO

O PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO UM SISTEMA COMPLEXO

EDITORIA
UNICAMP

C278p Castilho, Ataliba Teixeira de, 1937-
O Português Brasileiro como um sistema complexo / Ataliba
Teixeira de Castilho – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa. 3. Língua portuguesa –
Brasil. 4. Complexidade (Linguística). 5. I. Título.

CDD – 410
– 469
– 469.81
– 415.019

ISBN 978-85-268-1823-1

Copyright © Ataliba T. de Castilho
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Introdução – Abordagem Multissistêmica do Português Brasileiro	7
1. Semântica	31
Apresentação.....	31
1.1 Semântica lexical	35
1.2 Semântica gramatical	42
1.3 Semântica discursiva	59
1.4 Semântica diacrônica	59
2. Léxico.....	71
Apresentação.....	71
2.1 O vocabulário e o dicionário	79
2.2 Lexicalização: etimologia, neologia, empréstimo	82
2.3 Relexicalização: derivação, composição	90
2.4 Deslexicalização: a morte das palavras	91
3. Gramática.....	93
Apresentação.....	93
3.1 Fonética e Fonologia	111
3.2 Morfologia	123
3.3 Morfologia derivacional.....	151
3.4 Morfologia composicional	152

4. Discurso	153
Apresentação.....	153
4.1 Categorias cognitivas constitutivas do Discurso: moldura e perspectiva	155
4.2 Disciplinas do Discurso	158
Conclusões – Princípios linguísticos gerais	197
Referências bibliográficas.....	215

INTRODUÇÃO

ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para descrever e historiar uma língua natural precisamos nos apoiar numa teoria. A Linguística é uma ciência cujo objeto está escondido em nossas mentes, à diferença do que ocorre com as ciências naturais. Em consequência, só podemos descrever ou historiar uma língua por meio de uma teoria.

A etimologia da palavra grega *theoría* nos ajudará aqui a entender melhor as coisas: essa palavra resulta da nominalização do verbo *theáo* “ver”; assim, *theoría* quer dizer “visão”, “ponto de vista”. Sem um ponto de vista, não podemos descobrir como as línguas naturais funcionam. Outras ciências dispõem de objetos evidentes por si: a Biologia estuda os seres vivos, a Geologia estuda as rochas, mas o objeto da Linguística está guardado em nossas mentes.

Neste livro, adotei por teoria a Abordagem Multissistêmica das línguas naturais, exposta a seguir. Nos capítulos de 1 a 4 apresento os sistemas de Semântica, Léxico, Gramática e Discurso que compõem as línguas naturais. Para finalizar, exponho os Princípios linguísticos gerais, que nos ajudarão a compreender melhor como opera uma língua natural.

A Abordagem Multissistêmica (doravante AM) representa uma generalização desenvolvida a partir dos resultados obtidos em projetos coletivos tais como o Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) e o Projeto para a

História do Português Brasileiro (PHPB), que coordenei. A AM postula o entendimento da língua como um conjunto de processos e produtos reunidos em sistemas complexos. A Teoria da Complexidade, portanto, fundamenta essa abordagem.

Venho formulando e aplicando a AM desde 1998: Castilho (1998a, b, d, 2000, 2002, 2003a, b, 2004a, b, c, d, 2005, 2006, 2007a, b, 2009a, b, c, d, e, 2010a, b, 2011, 2017c), Castilho *et al.* (2019, 2020), Castilho e Moraes de Castilho (2011, 2013). As primeiras versões desses textos se beneficiaram do criticismo construtivo de colegas como Rodolfo Ilari, Margarida Basílio, Jânia Ramos, Sônia Bastos Borba Costa, Augusto Soares da Silva e Milton do Nascimento. Naturalmente são de minha responsabilidade os erros e imprecisões remanescentes.

Aplicações da AM aparecem nas seguintes dissertações de mestrado, teses de doutorado e ensaios: Barreto (2004), Módolo (2004, 2012), Kewitz (2004, 2005, 2007), Simões (2007), Braga (2008, 2016), Defendi *et al.* (2009), Santos *et al.* (2009), Sartin (2009), Laura (2013), Kobashi (2013), Buin (2015), Caldeira da Silva (2019), Fernandes (2019), Rodrigues (2020), Pecuch e Pereira (2022), Steinhäuser (no prelo).

Nesta Introdução, trato dos seguintes tópicos: (1) estudos do Português Brasileiro falado e a formulação da AM, (2) processos e produtos linguísticos são multissistêmicos e simultâneos, (3) um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos, (4) diálogo da AM com as teorias funcionalista e cognitivista.

Este livro beneficiou-se das observações oportunas dos pareceristas da Editora da Unicamp. Todas elas foram levadas em conta na revisão dos originais.

Por fim, mas não por último, quero agradecer à revisora Laís Souza Toledo Pereira pelo cuidadoso trabalho de preparação dos originais deste livro.

1 ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO E A FORMULAÇÃO DA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA

A partir do final dos anos 1960, grupos de pesquisadores afiliados a universidades espalhadas pelo mundo se engajaram na tarefa de constituir, transcrever e descrever *corpora* de língua falada (LF).

Pela primeira vez, a Linguística pôs em marcha um programa sistemático de investigações sobre a oralidade. Em toda a sua história, a reflexão linguística sempre esteve atravessada pela ideia de que a LF é a manifestação primordial da linguagem e seu objeto primeiro de estudos. Mas esses belos propósitos só puderam se transformar em análises efetivas depois de uma circunstância um tanto banal, que foi a invenção do gravador portátil.

Surgiram então vários projetos de pesquisa, que tomaram a língua falada como seu objeto específico.

Em Portugal, lembrem-se o Projeto do Português Fundamental, conduzido de 1970 a 1987 pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

No Brasil, entre outros, o Projeto NURC (1969-1980) e o PGPF (1995-2020).

Com isso, nos antecipamos aos europeus, coincidindo com os alemães: (1) na Alemanha, foi organizado nos anos 1970 o projeto Alemão Atual (Heutiges Deutsche), (2) nos Estados Unidos, os americanos lançaram o projeto Conversation and Syntax, que repercutiu fortemente no Brasil (Sacks; Schegloff & Jefferson, 2003 [1974]), (3) na Itália, Duranti e Ochs (1979), Nencioni (1983), Parisi e Castelfranchi (1977), Berrutto (1987) e D'Achille (1990) desenvolveram várias pesquisas sobre a oralidade; Sornicola (1981, 1982, 1987) escreveu a primeira obra extensa nesse campo; De Mauro pôs em funcionamento, a partir de 1991, seu projeto Lessico Italiano di Frequenza (De Mauro *et al.*, 1992; De Mauro, 1994), (4) na França, desde 1987, passou a atuar o Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe, sob a coordenação de Claire Blanche-Benveniste, que exerceu forte influência nos estudos

brasileiros (Blanche-Benveniste, 1985, 1986, 1970, 1997; Blanche-Benveniste *et al.*, 1979, 1984).

Os ensaios e livros produzidos por esses grupos suscitaram um debate teórico sobre o que é a LF e em que consiste descrever essa modalidade.

Um ponto comum nesses debates parece trazer água para o moinho da Gramática Funcional, entendida como um *modelo do processamento verbal*, pois em sua maior parte os trabalhos aludem ao fato de que os processos documentados na LF são por demais evidentes para que sua descrição se limite à recolha e à classificação de produtos.

Na altura, as análises fundamentadas na teoria clássica foram desafiadas por fenômenos do tipo:

(1) Anacoluto

a) [Conversa num ponto de ônibus]

Loc. 1 – *mas como está demorando hoje, hein?*

Loc. 2 – *só::... e quando chega... ainda vem todo sujo... fedorento...*

Loc. 1 – *isso sem falar na tarifa... que sobe todo mês...*

Loc. 2 – *... é o tal negócio... sei lá... entende?* (DID RJ 18)

b) *Cada um fica mais ou menos responsável por si pelo menos... por si... fisicamente... né? de higiene... de... trocar roupa... todo esse negócio...* (D2 SP 360)

(2) Repetição

a)

	<i>peixe</i>	
	<i>peixe</i>	<i>aqui no Rio Grande do Sul</i>
<i>eu tenho impressão que se come</i>	<i>peixe</i>	<i>exclusivamente na Semana Santa</i>

(D2 POA 291)

b)

<i>funciona mal</i>	<i>aquele negócio de...</i>	
	<i>aquele negócio de limite de idade</i>	<i>funciona muito mal</i>

(D2 SP 360)

(3) Segmentos epilinguísticos, aqui transcritos em negrito:

a) *o terreiro (...) é:: um:: **como poderia chamar?** um chão...* (DID SP 18)b) *já há um processo... **seria melhor dito...** já um processo de análise...**já há um exame...* (EF POA 278)c) *mas então... **digamos assim...** esse processo de análise poderia...*

(4) Marcadores discursivos (Castilho, 2010a, pp. 229-231)

Esses fenômenos levantavam problemas do tipo:

- Como entender e analisar segmentos cujo tópico não foi lexicalizado, como em (1)?
- Se sintagmas e sentenças são categorias válidas para a descrição sintática, o que fazer com segmentos aparentemente não estruturados, como em (2)?
- As repetições, tão frequentes na língua falada, esconderiam alguma regularidade? Haveria alguma relação entre repetir e organizar os constituintes sentenciais, como em (2)?
- Alguns segmentos interrompem o fluxo da interação, mais parecendo que falamos conosco mesmos, como em (3). O que se aprende com isto, a respeito da construção da linguagem?
- Como analisar os marcadores discursivos mencionados em (4)? Como classes gramaticais? Como processos de constituição do texto?

Uma busca intensiva por respostas percorre os oito volumes de ensaios da coleção *Gramática do Português Falado*. Eu mesmo esbocei algumas respostas (Castilho, 1989, 1994, 1997b, 1998b, c). Depois dos

textos aí contidos, seguiram-se os sete volumes da gramática em sua fase de consolidação (Jubran, 2015; Ilari, 2014, 2015a; Neves, 2016; Kato & Nascimento, 2015; Rodrigues & Alves, 2015; Abaurre, 2013). Graças ao projeto coletivo de que resultou essa gramática, o Português Brasileiro foi a primeira língua da România Nova a ter sua variedade falada culta amplamente estudada.

Nos Estados Unidos, Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) mostraram a necessidade de uma gramática da conversação. Ono e Thompson (1994a), Ford e Thompson (1996), Ochs, Schegloff e Thompson (1996) aceitaram esse desafio, focalizando a motivação conversacional das estruturas gramaticais.

Na França, Blanche-Benveniste (1985, 1986, 1970, 1997; Blanche-Benveniste *et al.*, 1979, 1984) organizou o Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe (GARS), demonstrando que a transcrição da oralidade cria o objeto de análise. Essa linguista identificou a biaxialidade da sintaxe da língua falada, o que reformulava a percepção saussuriana do eixo paradigmático, agora, um conjunto de expressões em presença. Do ponto de vista teórico, o GARS defende uma “separação estrita dos níveis e dos planos de análise: [...] a morfossintaxe como ponto de partida [...] deixando intactos o léxico ou o discurso [...]. Exploração máxima do gramatical antes do discursivo, do sintático antes do lexical” (Blanche-Benveniste, 1990, pp. 6, 36 e 116). A aplicação desses princípios levou a uma divisão do campo em duas áreas, que mantêm uma relação dialética entre si: a da sintaxe e a da macrossintaxe. A sintaxe vem sendo descrita por esse grupo através da “abordagem pronominal”, que consiste em reduzir a sentença à sua estrutura esquelética, isto é, às possibilidades de combinação do verbo com os pronomes, no quadro da teoria da recção e da valência (Blanche-Benveniste *et al.*, 1984). Essa sintaxe “ocupa-se das construções fundadas nas categorias gramaticais, como o verbo, o nome ou o adjetivo”. Mas não apenas a sentença entra aqui. Na verdade, num dos momentos mais controvertidos desta visão, rejeita-se a sentença como uma unidade da sintaxe, e outras unidades

integram igualmente esse componente, como determinadas palavras e organizações sintagmáticas (Blanche-Benveniste, 1990, pp. 113 e 116).

Parece-me que “a separação estrita dos níveis e dos planos de análise” poderá passar uma imagem demasiado estática da LF, obscurecendo os processos de gramaticalização, claramente revelados pela metodologia da transcrição biaxial.

Colegas portugueses têm repercutido as pesquisas do GARS (Nascimento, 1987; Mota, 1989).

Destaco dessa literatura toda as seguintes “afirmações-perguntas”, formuladas por Dorothea Franck e Rosanna Sornicola:

Que tipos de objetos poderiam ser tomados como sentenças, de forma a compatibilizar sua definição com o que a Análise da Conversação estipula? No lugar de analisar as sentenças como produtos completos de uma perspectiva *post-factum*, parece mais aceitável estudá-las como processos que se desdobram no tempo, isto é, como entidades dinâmicas (Franck, 1981, p. 14, grifos acrescentados).

A minha impressão é que, com efeito, este quadro teórico [...] pode ser extremamente frutífero nos estudos da língua falada espontânea. As oscilações e flutuações, às vezes imperceptíveis ao ouvido humano, às vezes de uma forte entidade, que caracterizam a língua falada espontânea, podem ser melhor compreendidas no interior *de um quadro conceptual centrado na complexidade e no não determinismo* (Sornicola, 1994, p. 120, grifos acrescentados).

No Brasil, Coudry (2001 [1988]) produziu importantes generalizações fundamentadas na língua falada por sujeitos afásicos. Citando Lordat, Coudry informa que esse autor:

[...] em vez de lidar com os dados de um ponto de vista descritivo e comparativo, isolados das condições em que se produziram, ele os integra sempre em uma atividade linguística, na “conversação”, em situações dialógicas e considera todas as manifestações do sujeito, até as introspectivas (Coudry, 2001, p. 39).

É a partir dessas observações que Coudry construiu seu modelo para a análise dos sujeitos afásicos, assim resumido:

[...] bastam esses quatro aspectos – o da linguagem como uma ação sobre o outro, o das relações das expressões com determinadas situações de fato, o da subjetividade da linguagem, o do transbordamento da produção e da interpretação além do explícito (Coudry, 2001, p. 53).

As citações lidam com conceitos linguísticos desafiadores, tais como:

- Interface entre as estruturas sintáticas e as estratégias de administração dos turnos conversacionais;
- Análise de processos, e não apenas análise de produtos linguísticos;
- Complexidade;
- Não determinismo;
- Língua como atividade etc.

É bastante claro que esses linguistas estão lidando com a propriedade dinâmica da linguagem, que já vinha ocupando a atenção dos cognitivistas. É também muito claro que eles lidam, igualmente, com a dicotomia “produção vs. produto”, que cruza com frequência a história da Linguística.

Para considerar os fenômenos linguísticos em seu dinamismo, mostrou-se necessário tomar outra direção, integrando a Linguística entre as ciências dos domínios complexos, que debatem atualmente um conjunto de fenômenos tais como a circulação dos fluidos, a previsão do tempo, as oscilações dos ciclos econômicos, o crescimento populacional, as proteínas como sistemas em movimento, ou mesmo o funcionamento do cérebro, as relações neuronais etc.

Esses fenômenos não revelam a ordem, a simetria e a elegância esperadas pelas ciências clássicas. Eles são mais bem entendidos como

processos criativos frequentemente denominados “caos”, ou sistemas complexos.

A AM, de orientação funcionalista-cognitivista, procura dar uma resposta aos quesitos anteriores, definindo-se pelos seguintes postulados:

- (I) Processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua.
- (II) Processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática.
- (III) Um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos.

Esses postulados são elaborados a seguir; para entender a língua como um sistema complexo, será necessário operar com todos eles.

2 POSTULADOS DA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA

2.1 Postulado I: processos e produtos linguísticos convivem num mesmo recorte de língua

A percepção multissistêmica da língua representa uma resposta aos desafios de descrever a oralidade, tanto quanto uma reação a afirmações que se podem encontrar na literatura sobre gramaticalização.

Contraponho àquelas afirmações a postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo, configurado no quadro da epistemologia das ciências dos domínios complexos.

As seguintes premissas fundamentam a postulação da língua como um sistema complexo:

- *Do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

A língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Eles falharam, entretanto, ao não enquadrar o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo-se a tratá-lo como um epifenômeno.

- *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

2.2 Postulado II: processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, no sentido de que não se admitirá que um sistema determina/deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Reformulo aqui Castilho (2003a), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica. Em consequência desse postulado, qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. Detalho a seguir o que se entende por esses sistemas.

(1) O sistema do **Léxico** é o conjunto das palavras de uma língua, dispostas, na língua portuguesa, em categorias tais como substantivo, pronome, verbo, adjetivo, advérbio, artigo, conjunção e preposição. Cada item pertencente a essas categorias representa a lexicalização de um conjunto de traços. Isso torna sem sentido assumir que um substantivo gera um advérbio, um advérbio gera uma preposição e assim em diante, como se assume comumente nos estudos sobre a gramaticalização. Durante a aquisição do Léxico, nós provavelmente adquirimos primeiro as categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto a habilidade de combiná-las em diferentes padrões, reunidas nas palavras por convenção social.

A **lexicalização** é o processo de criação das palavras, por meio (i) da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), (ii) da neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), (iii) da derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua-alvo, via desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio (iv) de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contato linguístico).

Em suma, Léxico e lexicalização devem ser entendidos como um *continuum*, que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal, da língua-*enérgeia* para a língua-*érgon*, interpretando dessa maneira os conceitos formulados por Wilhelm von Humboldt. Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de momentos, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de “movimento”.

(2) O sistema da **Semântica** recolhe o sentido das expressões, configurado pelas seguintes categorias: referenciação, predicação, verificação, foricidade, dêixis e junção.

Inicialmente, a Semântica ocupou-se da mudança e da tipologia dos sentidos, concentrando-se no estudo da palavra.

A Semântica abriga as seguintes direções de estudos:

- *Semântica lexical*, que investiga também questões tais como sinonímia, polissemia, campos semânticos. As seguintes categorias configuram o domínio da Semântica lexical: (1) referência ou designação, (2) paráfrase e sinonímia, (3) contradição e antonímia, (4) polissemia, (5) hiperonímia, hiponímia, (6) meronímia, (7) campos semânticos.
- *Semântica sintática* (ou Semântica composicional), que estendeu o domínio da Semântica lexical, tratando dos processos de mudança metonímica de itens dispostos em contiguidade sintagmática, da incidência de algumas palavras sobre outras (operadores e escopo) etc. As seguintes categorias organizam o campo da Semântica sintática: (1) predicação e papéis temáticos, (2) apresentação, (3) verificação, (4) categorias semânticas do verbo: classes acionais, aspecto, tempo, modo, voz, (5) junção preposicional e conjuncional.
- *Semântica pragmática*, que trata dos sentidos gerados no espaço que medeia entre os falantes e os signos linguísticos (Vogt, 1977). De acordo com essa direção, os sentidos apurados não são contidos nas palavras nem nas construções gramaticais. Eles decorrem de processos tais como inferência, pressuposição, atos performativos, implicatura conversacional, e assim por diante. As seguintes categorias configuram o campo da Semântica discursiva: (1) foricidade: anáfora e catáfora, (2) dêixis locativa e temporal, (3) inferência e pressuposição, (4) paráfrase, (5) articulação tema-rema. A semanticização é o processo de criação, modificação e categorização do sentido linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática.

(3) O sistema da **Gramática** compõe-se de estruturas em processo de cristalização, arrançadas em três subsistemas: Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Reflexões sobre a Gramática têm sido organizadas à volta

de suas classes, relações entre essas classes, e as funções que elas desempenham nos enunciados. Constituem classes gramaticais o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença. As relações gramaticais são expressas por transitividade, concordância e colocação. As funções gramaticais são expressas pelo predicado, pelos argumentos e pelos adjuntos.

A ativação das propriedades gramaticais (*gramaticalização*) é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância, pela organização da estrutura argumental etc.

A reativação das propriedades gramaticais produz a *regramaticalização* das construções, captada na literatura por meio dos termos *poligramaticalização* e *reanálise*. A reanálise é a alteração de uma classe gramatical, tanto quanto a atribuição de novas funções sintáticas, motivadas pela mudança das fronteiras entre constituintes. Ela explica, entre tantos outros fenômenos, a regramaticalização do substantivo *tipo*, que deixa de ser interpretado como o núcleo de um sintagma nominal (como em [[[um] [tipo] [de saia]]]), passando a ser considerado como o especificador desse sintagma (como em [[um tipo de] [saia]]), o que abre caminho à sua discursivização como marcador discursivo (como em “*tipo assim, vamos tomar um café?*”). Reanalisam-se sintagmas e sentenças, o que acarreta mudanças da fronteira sintática. Repetem-se as palavras, para criar a constituinte sentencial, fato examinado em Castilho (1997c). O redobramento sintático, cujas consequências na organização da gramática do PB foram examinadas em Moraes de Castilho (2013), pode ser interpretado igualmente como um caso de reativação de propriedades gramaticais.

A desativação das propriedades gramaticais leva, entre outras coisas, à categoria vazia, de que se encontram exemplos na Morfologia (morfema zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais, ou categoria vazia). Capitula-se aqui, igualmente, o fenômeno da ruptura da adjacência estrita, minuciosamente estudado por Tarallo *et al.* (1990) e Tarallo (1993).

Entre os quatro processos constitutivos da língua, o da gramaticalização é de longe o mais estudado. A Abordagem Multissistêmica restringe o papel da gramaticalização à criação e à mudança (i) da estrutura fonológica das palavras (= fonologização), (ii) da estrutura morfológica da palavra (= morfologização) e (iii) da estrutura sintática da sentença (= sintaticização).

(4) O sistema do **Discurso** envolve diferentes realidades. Relaciono aqui algumas delas:

- *Execução individual do sistema linguístico*, o mesmo que “fala”, que corresponde à *parole* saussuriana. O estudo da fala foi inicialmente desenvolvido pela Estilística (Bally, 1951; Spitzer, 1948; Vossler, 1943). Certos tipos de Análise do Discurso contemporânea representam uma continuação da Estilística.
- O mesmo que *enunciado*, ou *combinação de sentenças*, sujeito a certas regularidades. Alguns modelos estruturalistas empreenderam a descrição desse objeto.
- O mesmo que *texto*, entendido como uma estrutura acabada, na qual podemos identificar suas unidades.
- O mesmo que *interação linguística*, *conversação*, organizada por um aparato que inclui o falante, o ouvinte, o assunto, e o conjunto de imagens construídas pelos falantes sobre eles mesmos e a posição que eles assumem com respeito ao assunto (Sacks; Schegloff & Jefferson, 1972; Marcuschi, 1983; Preti, 1993, 1997, 1998, 2000, 2002a).
- Finalmente, entende-se também por Discurso a articulação ideológica contida nos textos. Nesse sentido, a Análise do Discurso é uma espécie de nova Retórica, voltada para a hermenêutica dos textos, para surpreender as “formações discursivas”.

Talvez o único ponto em comum entre os analistas do Discurso é sua determinação de ultrapassar a sentença como um limite da